

C.M.B.
Biblioteca

Assinaturas—Barcellos 2 mezes 200 rs.—Fôra de Barcellos 6 mezes 700 rs.—Composto e impresso—Typ. "Centro de Novidades,"—Barcellos

Aos nossos estimaves collabora-
dores, collegas e assignantes, dese-
jamos

BOAS FESTAS E UM ANNO FELIZ

Convento de S. Salvador de Villar

(Continuado do n.º 19)

Quatro annos depois do arcebispo de Braga haver dado ao Dr. João Vicente a abbadia de S. Salvador de Villar, onde, como dissemos, se installou, em communidade religiosa, com os referidos seus companheiros, foi o famoso medico convidado por el-rei D. João I para, juntamente com o seu amigo Dr. Martim Lourenço, acompanhar a Borgonha a infanta D. Izabel, que ia consorciar-se com Filippe II, o *Bom*, duque de Borgonha e conde de Flandres.

Ao mesmo tempo que a armada real sahia do Tejo com a princesa e seu sequito (1429), partia, tambem, em viagem para a Italia, outro companheiro do Dr. João Vicente—o Dr. Affonso Nogueira.

Celebrado o casamento na cidade de Bruges em 10 de janeiro de 1430, com rara e extraordinaria magnificencia, instituindo o duque n'esse dia a insigne ordem do *Tosão d'ouro* para assim perpetuar a data do seu auspicioso enlace, partiram João Vicente e Martim Lourenço pouco depois para Roma, a fim de ahi tratar do estabelecimento definitivo da sua congregação.

Presidia então á curia romana o Cardeal de S. Clemente, Gabriel Condulmero, a quem os dois padres portuguezes se apresentaram com algu-

mas cartas de recommendação, sendo affectuosamente recebidos, mormente quando lhe fizeram saber que o seu intento era instituir em Portugal a congregação de S. Jorge *in Alga*, que elle cardeal havia fundado pouco tempo antes (1404), em Alga, pequena ilha do mar Adriatico, a duas milhas da cidade de Veneza, sua patria, com Antonio Coraccio, ambos sobrinhos do pontifice Gregorio XII.

Apresentados em seguida ao papa Martinho V, já favoravelmente disposto no sentido da pretensão do Dr. João Vicente e seu companheiro, prometteu-lhes deferir seu requerimento, e lavrar o breve de confirmação da ordem logo que de Portugal recebesse as informações que ia pedir ao bispo de Viseu e a frei Pedro de Olmedo, provincial da ordem de S. Jeronymo.

Partiu immediatamente de Roma para S. Salvador de Villar o Dr. Martim Lourenço, trazendo a boa nova do feliz exito das negociações, o que muito alegrou os seus companheiros, ficando ainda n'aquella cidade o Dr. João Vicente por ter pendentes da curia certos negocios que desejava ultimar.

Deu se então um acontecimento, que, podendo contrariar os bons desejos dos padres de Villar, veio, pelo contrario, favorece-los. Foi o fallecimento do papa Martinho V, em 20 de fevereiro de 1431. Quiz, porém, a Providencia que o pontifice eleito fosse o proprio Cardeal de S. Clemente, que, em 3 de março d'aquelle anno, subiu ao solio pontificio com o nome de Eugenio IV. Tanto bastou para que o Dr. João Vicente não só visse realisadas todas as suas aspirações, mas fosse cumulado de favores de toda a ordem pelo seu amigo e protector.

Por este tempo e depois de demorada viagem pela Italia, regressava á Abbadia de Villar o Dr.

Afonso Nogueira, que, tendo visitado em Veneza a congregação de S. João d'Alga, com que muito sympathisou, trouxe consigo os seus estatutos ou constituições e o habito de que usavam os conegos seculares de S. Jorge. De tal modo gostaram os seus companheiros de Villar do instituto e do habito azul-celeste da ordem, que immediatamente escreveram para Roma ao seu superior e prelado, pedindo-lhe instantemente que solicitasse do papa a regra e o habito dos congregados d'Alga, ao que o Dr. João Vicente, por ser esse tambem o seu desejo, facilmente acquiesceu, conseguindo que Eugenio IV expedisse um breve confirmando a congregação de Villar com o titulo de *conegos seculares de S. Salvador de Villar* e conferindo-lhes o mesmo habito, a mesma regra e as mesmas graças, privilegios e indulgencias dos congregados de S. Jorge, e, para cumulo de gentileza, exemptando-os da jurisdicção dos arcebispos de Braga, como immediatos á Santa Sé.

Não contente ainda com tantos favores, Eugenio IV nomeou tambem o Dr. João Vicente prelado perpetuo da congregação, com poderes de nuncio apostolico em todas as questões que á ordem pertencessem, presenteou-o por suas mãos com um habito azul e proveu-o no bispado de Lamego, que pouco tempo antes havia vagado.

Verdadeiramente confundido com tantas provas de apreço que o novo papa lhe dispensára, recolheu-se o Dr. João Vicente ao seu convento de Villar, onde foi recebido pelos companheiros com as mais festivas demonstrações de gratidão e amizade.

Deu-lhes em seguida as constituições por que se haviam de reger, procedeu á eleição do novo prelado e em 1436 partiu para a sua diocese de Lamego, cuja administração, que durou oito annos, foi modelar, findos os quaes foi transferido para a de Viseu, onde falleceu santamente em 30 de agosto de 1463, contando 83 annos de idade.

Constituida regularmente a nascente congregação de Villar pelo breve de Eugenio IV, que entre outras graças, lhe conferiu a rara prerogativa de a exemptar da jurisdicção dos prelados bracaraenses, parecia que a sua existencia estava de tal modo assegurada e garantida, que nada havia que receiar pelo seu futuro.

Pois não succedeu assim.

Precisamente porque o arcebispo D. Ferrando da Guerra se julgou offendido por os congregados haverem obtido de Roma a exempção da sua jurisdicção, elle que tantos favores e beneficios a principio lhes havia dispensado, não deu cumpri-

mento ao breve pontificio e cortou relações com a comunidade de Villar.

Procuraram os congregados por todos os meios convencer D. Ferrando da Guerra de que tal graça lhes havia sido expontaneamente offerecida pelo papa, que não solicitada por elles e muito menos com o proposito de affrontar a auctoridade d'elle arcebispo.

A nada attendeu, porém, o voluntarioso prelado, que, sentindo-se cada vez mais indisposto com a supposta offensa aos seus direitos jurisdiccionaes, declarou-lhes guerra sem treguas e, por ultimo, ordenou a sua expulsão da diocese.

Foi uma lucta homerica, de alguns annos, em que de parte a parte se empenharam os melhores esforços; e como os congregados se não sentissem com animo de abandonar o seu querido convento, o arcebispo resolveu obriga-los pela força.

«Valeu-lhes — diz um escriptor — em tão negra conjunctura, a decidida protecção de D. Afonso, 1.º duque de Bragança, que então vivia no seu palacio de Barcellos e que os amava como filhos.

Não só tomou a seu cargo todas as despesas do pleito, que durou annos, mas empenhou tambem todo o seu valimento em favor dos seus *bons homens* e contra o poderoso arcebispo.

Escreveu-lhe varias cartas exprobrando a dureza com que tractava os pobres congregados e em uma, entre outras coisas, lhe disse: — *que ao pontifice e não a elle cumpria resolver a pendencia; que era improprio de um prelado soccorrer-se ao direito da força, e que, se persistisse em levar por diante as ameaças, elle duque lhe certificava que o acharia no convento de Villar em pessoa, disposto a perder a vida em defesa dos congregados.*

O arcebispo exitou, mas um bello dia resolveu-se a marchar em som de guerra pessoalmente com os seus belleguins, archeiros e homens d'armas contra Villar.

Prevenido o duque D. Afonso, armou logo todos os seus creados e grande numero de vasallos, correu em defesa dos seus *bons homens* e, apenas chegou ao convento, mandou por um mensageiro dizer ao arcebispo que, *se não voltasse immediatamente para Braga, lhe poria na cabeça em logar da mitra um capacete de ferro, ardendo em fogo, visto elle se fazer soldado, sendo arcebispo.*

O arcebispo retrocedeu; depois veio a um acotido e lhe dispensou grandes favores.»

(Continua).

W.

BARCELLOS

VILLAR DE FRADES



Interior do convento de S. Salvador de Villar

Cliché de Francisco Soucasaux

Simill-gravura de Marques Abreu

GARTAS Á MINHA VIZINHA

VI

O ar doentio e languido da senhora portugueza.
 —A sua falta de alegria de viver.—Como vive a senhora portugueza.—A sua falta de exercicio physico.—O passeio dos domingos.—A marcha é um exercicio insufficiente e incompleto.—Opiuião do Dr. Fernand Lagrange.—Uma observação justa de Eça de Queiroz.—Consequencias da falta de exercicio.—Como os romanticos idealisavam a mulher.—Como a idealisam hoje os homens equilibrados e sãos.—Tristeza de um lar perseguido pela doença.—O exercicio como meio de conservar e preservar a saude.—Os exercicios physicos que as senhoras deviam praticar.—A verdadeira graça e a melhor belleza.

Uma das coisas que, á primeira vista, nos fere, na Senhora portugueza, é o seu ar quebrado, molle e doentio.

Em muito poucas se nota essa forte alegria de viver que exige, para se sentir profunda e plenamente: um corpo robusto e activo e uma alma alma energica e pura.

Só quem vive de uma maneira vigorosa e intensa: com um sangue rico nas veias e com nobres ideaes no espirito, servidos por uma intelligencia culta e uma vontade de aço, pôde verdadeiramente amar a vida e sentir alegria e orgulho em vive-la.

Mas como vive em regra a menina portugueza?

A semana, passa-a quasi sempre: ou nas lidas caseiras, ajudando a ordenar o ménage, ou consumindo o tempo e a saude, curvada: sobre bordados laboriosos, musicas complicadas ou sobre as paginas estereis de um romance.

O domingo é o dia, em que usualmente sahe: vae á missa e depois, sempre n'um passo lento de convalescente, dá vagorosos passeios, nos jardins ou pelas ruas.

Não faz, porem, com regularidade um exercicio physico, digno d'esse nome.

O passeio, quasi o unico a que se dedica é já de si insufficiente e incompleto.

Li algures, creio que em um livro do Dr. Fernand Lagrange: *L'exercice chez les adultes*, que: dado o regimen alimentar de uma pessoa da classe remediada,

seria necessario, para equilibrar o seu organismo da nutrição, por exercicios de marcha, que ella percorresse 15 a 20 kilometros, por dia.

«A marcha, diz ainda esse notavel escriptor, e um exercicio insufficiente e só se torna um verdadeiro exercicio, quando revista a forma de; *longos passeios, de partidas de caça, e sobretudo de ascenções nas montanhas.*

E em todo o caso e mesmo assim, a marcha é um exercicio incompleto porque não põe em acção: os musculos do braço, abdomen e peito e sobretudo: porque não tende a fazer moverem-se umas sobre as outras, as diversas peças osseas de que se compõem: a columna vertebral, o thorax e a bacia».

Caçadas, longos passeios, ascenções a montanhas: Jesus!! como isso mesmo está longe dos seus habitos: Vizinha!! Como isso difere das suas sahidas ao domingo, em que percorre o curto espaço de uma rua, n'esse seu andar: arrastado, processional, solemne, que se distingue do da tartaruga, só na graça que a Vizinha lhe sabe dar!

Essa maneira de caminhar, revela logo, notou-o muito Eça de Queiroz nas Farpas: a pobreza, a frivolidade, a anemica molleza da sua vida.

O seu passo é hesitante, vagaroso, frouxo e indolente, como ella.

E' que a Vizinha, se passêta, é de ordinario: para fazer compras, para ver, para se mostrar. Nunca por uma necessidade sadia: de oxygenar o sangue, de respirar ar puro, de dar vigor aos musculos.

Por isso o seu passeio se limita ao espaço acanhado e concorrido: de uma rua ou de um jardim.

Não é um exercicio; é uma exhibição.

E, no entanto, os resultados da falta de exercicio physico, são: o amollecimento dos musculos, o empobrecimento do sangue, a preguiça da respiração, o enfraquecimento das outras funcções vitaes, e muitas vezes, verdadeiras doenças, como a gotta, a obesidade ou o arterio-esclerose.

E' essa falta de bom ar, essa inercia da sua vida physica que lhe dá, Vizinha, essa melancholia, esse enervamento, esse ar de

Dos nossos poetas

OLHOS NEGROS

Por teus olhos negros, negros
 Trago eu negro o coração
 De tanto pedir-lhe amores
 E elles a dizer que não.

E mais não quero outros olhos,
 Negros, negros como são;
 Que os azues dão muita esp'rança,
 Mas fiar-me eu n'elles, não.

Só negros, negros os quero;
 Que em lhes chegando a paixão,
 Se um dia disserem sim . . .
 Nunca mais dizem que não.

(1) GARRET.

(do livro "As Flores sem fructo..")

(1) *Um dos príncipes dos nossos românticos. — Poeta admirável, de graça, de simplicidade, de harmonia. — Prosador perfeito. — De um estylo precioso de flexibilidade em que a phrase desliza, com a naturalidade e a pureza de um veio de agua das serras. — Dramaturgo, com lampejos de genio, como no Frei Luiz de Scusa, monumento eterno do nosso theatro: l'ho portuguez, pela sua delicadeza e cavalheirismo de sentimento, pelo seu mysticismo melancolico, pela violencia meridional das suas paixões.*

graciosa flor estiolada, que os seus olhos lindos mas cansados me traduzem.

Mas, Vizinha, o tempo do romantismo passou e hoje a mulher sonhada e desejada, já não é a languida planta de estufa de outr'ora, com a côr macillenta das tuculosas e o olhar triste, como a folhagem dos cyprestes.

Hoje a cinta de vespa, que fez delirar as gerações passadas, é já para muito bons

espiritos um absurdo, contra a esthetica e um crime, contra a hygiene, sobretudo quando obtida, pelo odioso supplicio do espartilho.

Hoje um homem equilibrado e com uma orientação sadia, deseja, para sua companhia do lar, para mãe de seus filhos: uma mulher sã, forte, vigorosa, que lhe não entristeça a casa, com a melancholia das suas doenças ou do seu humor som-

brio e lhe não dê filhos enfezados e anemicos.

Por isso hoje o primeiro dever de uma menina é, como diz Taine, fallando das inglezas: ter saude.

A sua alegria, producto de um espirito equilibrado e recto e de um corpo são e forte, deve illuminar: amplamente, claramente, rasgadamente: o lar.

Nessa alegria deve encontrar o homem, rudemente fatigado do seu trabalho: a paz, o conforto e o estimulo, para o seu esforço laborioso de cada dia.

Como é triste um lar, sobre que a doença paira sempre, como uma ave sinistra, com as suas azas sombrias e agoirentas!

Em que a mulher é, pelos seus achaques, um motivo constante de temores, de receios e de tristezas.

E em que, quando mãe, não pode alimentar os filhos que muitas vezes lançou á vida: debeis e franzinos e que tem de abandonar depois aos cuidados mercenarios de uma ama, compromettendo-lhes, frequentemente a saude e renunciando sempre a um dos deveres sanctissimos da maternidade.

E quantas vezes, por uma educação physica cuidada, conseguiriam ás mulheres robustecer-se e sobretudo não se deixar enfraquecer!

Essa cultura physica é portanto, para a mulher um dever moral, porque d'ella depende, muitas vezes, a felicidade do seu futuro lar e a saude dos seus filhos.

Deixe, portanto, Vizinha a magestade do seu passo solemne e vagaroso.

Dê largos e vigorosos passeios, respirando a plenos pulmões o ar lavado dos campos e o ar agreste e excitante das serras.

Procure com as suas companheiras organizar jogos ao ar livre, dos quaes alguns como o lawtennis, são excellentes para as senhoras.

Consiga de si e d'ellas que, vencendo essa timida molleza que as acobarda, se entreguem ao exercicio do remo, da natação, da bicycleta ou da patinagem.

Verá como todas hão-de ganhar: em saude, em paz de nervos, em dominio de si proprias, em alegria de viver.

E vale bem trocar a sua belleza doentia

de anemicas e chloroticas, pela graça e pela belleza mais naturaes e duradouras que tem um corpo harmonico, vigoroso e são.

Pela graça e pela belleza dos corpos magnificos das estatuas gregas: sem espartilhos e sem nervos exaltados, supremamente bellos pela sua harmonia, pelo seu vigor e pela sua augusta serenidade.

Do seu vizinho hoje e sempre

Importuno.



Chronica ligeira

Quadra lugubre, em que a morte e a devastação campearam infrenes no tumultuar pavoroso d'um temporal formidavel!

Aqui em Barcellos não tanto, pois as manifestações da funesta revolta do tempo não passaram do ulular tremendo de impetuoso vento; do fragoroso cahir de copiosas bategas; e do ribombar estrepitoso de poderosos trovões, com o previo illuminar sinistro de amiudados relampagos. As consequencias d'este horrivel cortejo dos elementos em furia foram relativamente ligeiras, causando, é certo, prejuisos, alguns mesmo apreciaveis, mas não importando, felizmente, na perda de vidas. Tivemos uma cheia imponente, vimos o Cavado de humilde tornar-se em gigante altivo e ameaçador que, durante horas, excedeu as mais vertiginosas correntes. Os campos marginaes alagados n'uma grande arêa e a velha ponte coberta até acima dos arcos, mas resistindo inabalavel na sua granitica estructura.

D'este modo só recebemos impressões d'admiração misturadas de justificados receios, mas que antes estimularam uma contemplação cheia de respeito pela grandeza do spectaculo, do que afogaram em susto ainda os espiritos mais pavidos. O mesmo não succedeu n'outras terras, até bem perto de nós!

O Porto e Ponte do Lima, para não fallar nas povoações do sul, como Santarem, tão açoitada de desgraças, soffreram verdadeiras catastrophes que, principalmente na cidade invicta, levaram o lucto, a desolação e a miseria a muitas familias.

Bem felizes, afinal, fomos os barcellenses, pois além dos prejuizos que podem subir a algumas

centenas de mil reis, sómente a dor que fere aquellas povoações nos entristece e magôa.

As festas do Natal ainda para nós tiveram conforto e carinho e não vimos o madrugado do novo anno com os desesperos indomitos dos que foram victimas fataes do vendaval tectrico e horrivel !

Mas pobre paiz o nosso ! Não basta a rajada tremenda d'uma politica desatinada, ainda por cima as convulsões assoladoras da natureza ! . . .

E que anno ! . . . *Vade retro* . . .

M.



Natal da aldeia

Depois da ceia, na cosinha, o velho Zé das Eiras, sobre uma caixa de pinho polida pelo uso, joga a bisca com o visinho Thomé. A tia Zefa, com as contas na mão, a dormir com o gato deitado no collo e atiçando de quando em quando o lume, abre, assustada, os olhos, quando o rapaz do gado jogando o rapa com os pequenos n'um canto da lareira, faz algum protesto, ou ri satisfeito com o ganho.

Lá fóra ladram os cães indifferentes ao sentimento humano e mais ao longe ouve-se o chiar das rabecas da *esturdia* e os vivas ao senhor abbade que, n'esta noite, franqueia a sua casa á mocidade da aldeia, offerecendo-lhe algumas canecas do precioso vinho branco do passal.

Um mocho pia sinistramente e o vento frio, cortante, faz oscilar os ganos despídos das arvores, esguios, erguidos para o céu como braços supplicantes de esqueléticos famintos.

C. A.



OS ETERNOS RIVAES

(TRADUÇÃO)

(Continuado do n.º anterior)

Scena antidiluviana irrepresentavel

Zarandrajo — (*De pé arqueando o lombo*) Somos grandes !

Bellalinda — Todos os animaes nos admiram e nos temem. Hontem passeamos pela arca, o cavallo chamou-nos amigos e o cão companheiros ; lobos e tigres tremeram ante a nossa

presença e a raposa astuta recebeu-nos dizendo: « Passagem aos senhores gatos ! Passagem aos portadores das deliciosas pulgas ! Passagem aos nobres aos grandes, aos sagrados felinos ! »
O Cão — (*Mordendo-se de inveja*) Ditosa sorte a vossa ! Bem pode Noé recordar-se do seu nome e fiel cão.

A Cadella — (*Desconfiada como boa femea*) Não vos fazem mal as pulgas ?

Bellalinda — Mal ? Pelo contrario ; acariciam e adormecem com as suas coceguinhas suaves, e as suas leves picadellas dão melhor vista aos olhos e maior alcance ao olfacto.

A Cadella — Como sois felizes senhores gatos !

Bellalinda — (*Afectando pesar*) Custa-me que não goseis de igual felicidade senhores cães.

O Cão — (*Tristemente*) Ai ! Noé esqueceu-se de nós !

A Cadella — (*Com igual tristeza*) Mal nos quer, em verdade !

Bellalinda — Mal vos quiz, é certo ; mas Bellalinda, que vos quer como a irmãos far-vos-ha participar da sua felicidade.

O Cão — (*Maravilhado*) Será possível ?

Bellalinda — Sim, amigos meus ; aproximae dos nossos, vossos corpos ; faremos com que as divinas pulgas passem para os vossos lombos e quando tenhaes gosado da vista penetrante e do subtil olfacto, quando todos os animaes tenham tremido ante a vossa presença, nos devolvereis o precioso thesouro.

O Cão — (*Chorando de contente*) Ó bella gata, agora é que eu vejo a tua infinita grandeza !

A Cadella — (*Enternecida*) Bemdita sejas ó felina de nobres instinctos !

Zarandrajo — (*Impaciente*) Mãos á obra : acercae-vos de mim. (*Os cães obedecem e os gatos com o auxilio das unhas passam-lhes os pequenos insectos, Bellalinda e Zarandrajo, livres de males, brincam, saltam e trepam para a alta mangedoura das girafas.*)

A Girafa — (*Para a Bellalinda*) Foge d'ahi que tens pulgas.

Bellalinda — (*Sofocando o riso*) Que pulgas se as passamos aos cães ! (*A girafa ri e conta ao elephanté ; ouvem o conto o papagaio, a pega, e entre risos de escarneo e alegres commentarios corre pelas quadras da arca a noticia da traição.*)

O Cão — (*Nobrememente, em voz alta e sem animo de offender*). Ouvi, animães ! Eu sou o bom cão, o portador das deliciosas pulgas, o . . . (*Sentim-*

do uma valente mordedela) Céos . . . ! Que é isto ?

A Cadella — (*Coçando-se desesperada*) Arre, arre !
(*Os companheiros da prisão comprimem o riso*)

O Cão — (*Engulindo saliva e mostrando-se altivo*)
Tremei animaes ! Eu sou grande, eu sou . . .
(*Estrepitosas risadas afogam as suas palavras. Todos os animaes insultam, apostrofam os cães. Até a debil ovelha solta uma franca e descarada gargalhada. Cadella e Cão, com o rabo entre as pernas, refugiam-se envergonhados, no mais obscuro canto da quadra.*)

O Cão — (*Tremulo de raiva*) Escarneceram de nós !

A Cadella — (*Mordendo-se e coçando-se desesperada*)
Abusaram da nossa nobreza e escarneceram da nossa bondade !

O Cão — Infames gatos !

A Cadella — Malditos sejam !

O Cão — (*Batendo os dentes*) Juras-me pelo sol e pela lua que odiarás eternamente os traidores gatos ?

A Cadella — Juro !

O Cão — Juras-me que educarás os teus filhos n'esse implacavel odio ?

A Cadella — (*Solemnemente*) Juro !

O Cão — (*Com voz afogada pela colera*) Gatos, enganadores felinos, filhos do mal, irmãos da traição . . . ! (*Na quadra faz-se um profundo silencio*) Gatos, espurea raça de hypocritas malditos . . . ! As aguas afogarão a terra, mas o pae sol as evaporará com seus raios e n'esse dia começará a obra da nossa vingança ! Ai de vós !

Todo o sangue de vossos filhos não será sufficiente para lavar este ultraje. Eu juro pelo alvor da manhã, pelo sol, pela lua que o segue de perto e pelas estrellas suas irmãs, que o odio de nossas raças será eterno.

(*Risos, mios, balidos, mugidos, berros, grasnidos e . . . cae o panno.*)

PEDRO MUNOZ SECA.



SALA DE VISITAS

Estrella cadente — de Vaz Passos:

Com este título acabamos de ler e reler com subido interesse, um elegante volume de versos, firmado por Vaz Passos, primoroso poeta, já conhecido aos nossos leitores, pois é, um dos mais distinctos collaboradores do *Barcellos-Revista*. De

todo esse conjuncto de bem cadenciadas rimas, difficil se torna fazer selecção. Se é bello o II soneto «No Portico», magnifica é tambem a poesia «Hymno á mulher», em que claramente se traduz o espirito moderno do poeta, concebendo na sua mente inflamada de revolucionario, a mulher livre de todos os preconceitos e convenções inuteis.

Romantismos, Idealismo, Noite de encanto, No anniversario de Maria, No mar, Pôr do Sol, A revolta e Suprema dor, são outras tantas poesias de admiravel belleza de pensamento.

Ao nosso amigo e novel poeta, os nossos cordaeas parabens, pelo trabalho do seu progressivo estro e o nosso agradecimento pelo exemplar que com uma amavel dedicatoria, nos offereceu.

A execução typographica do livro, moderna e artistica, é da livraria editora de Francisco Joaquim d'Almeida, Carmelitas, 102 a 106 — Porto.



PERFIS MASCULINOS

XVIII

Eis mais um que com as leis
Vem sugar o lavrador ;
Rabiscador de papeis,
Na justiça sôr doitor.

Abriu bico, deitou pio.
Que as rochas fez abalar !
Levou logo um elogio
D'aquelles d'alambazar !

Ficou mouco, *surpr'endido*,
Com tão grande gentileza ;
E foi depois, commovido,
Agradecer a *surpreza*.

Costumes, talvez antigos,
De metter a mão na ceira,
Deram-lhe amor pelos tigos ;
Foge sempre p'ra a *Figueira* !

Adora, cheio de fé,
N'um jornal todo *doçura*,
Um *Mexias balancé*,
Balancé da noite escura !

Parece de rude aspecto :
Sério, firme, sobranceiro,
Moreno, bigode preto,
Por pouco tempo solteiro.

DOIS AMIGOS.